

**FABIANO TADEU GRAZIOLI
(ORGANIZADOR)**



A EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE DA LITERATURA

Atena
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli

(Organizador)

A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| E96 | A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209 1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. CDD 801.92 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR | |
| Maria de Lourdes Dionizio Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902091 | |
| CAPÍTULO 2 | 7 |
| ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS | |
| Maria Cristina Vianna Kuntz | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902092 | |
| CAPÍTULO 3 | 15 |
| REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA | |
| Ulysses Rocha Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902093 | |
| CAPÍTULO 4 | 24 |
| MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA | |
| Ana Paula dos Santos Martins | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902094 | |
| CAPÍTULO 5 | 32 |
| MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER | |
| Anna Christina Freire Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902095 | |
| CAPÍTULO 6 | 41 |
| O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH | |
| Émile Cardoso Andrade | |
| Thayza Alves Matos | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902096 | |
| CAPÍTULO 7 | 49 |
| PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ | |
| Luiz Renato de Souza Pinto | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902097 | |
| CAPÍTULO 8 | 58 |
| <i>A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA</i> | |
| João Felipe Barbosa Borges | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902098 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 69 |
| CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT | |
| Alexandre Bartilotti Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.9381902099 | |
| CAPÍTULO 10 | 79 |
| CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER | |
| Roberto Bezerra de Menezes | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020910 | |
| CAPÍTULO 11 | 87 |
| EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI</i> | |
| Juliana Almeida Salles | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020911 | |
| CAPÍTULO 12 | 97 |
| TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS | |
| Martha Costa Guterres Paz | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020912 | |
| CAPÍTULO 13 | 110 |
| A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS | |
| Maria de Lourdes Dionizio Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020913 | |
| CAPÍTULO 14 | 117 |
| A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM <i>BELÉM DO GRÃO PARÁ</i> DE DALCÍDIO JURANDIR | |
| Rosane Castro Pinto | |
| Augusto Sarmiento-Pantoja | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020914 | |
| CAPÍTULO 15 | 127 |
| O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE | |
| Rondinele Aparecido Ribeiro | |
| Fabiano Tadeu Grazioli | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020915 | |
| CAPÍTULO 16 | 136 |
| FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS | |
| José Teófilo de Carvalho | |
| Krisna Cristina Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020916 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 17 | 151 |
| A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA | |
| Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020917 | |
| CAPÍTULO 18 | 166 |
| LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA | |
| Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020918 | |
| CAPÍTULO 19 | 172 |
| LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES | |
| Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020919 | |
| CAPÍTULO 20 | 186 |
| LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR? | |
| Cleudene de Oliveira Aragão | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020920 | |
| CAPÍTULO 21 | 202 |
| ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE | |
| Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020921 | |
| CAPÍTULO 22 | 216 |
| A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ | |
| Thaís Meirelles Parelli | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020922 | |
| CAPÍTULO 23 | 225 |
| <i>DIÁRIOS DE MOTOCICLETA</i> : É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE? | |
| Deise Quintiliano Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020923 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 24 | 236 |
| CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL | |
| Janete Magalhães Carvalho | |
| Sandra Kretli da Silva | |
| Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020924 | |
| CAPÍTULO 25 | 242 |
| O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA | |
| Kleberson Saraiva dos Santos | |
| Stanley Gutierey Messias da Paz | |
| Erisvânio Araújo dos Santos | |
| Glaúbia de Castro Amorim | |
| Carollaine Pinto de Souza | |
| Patrícia Ferreira Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.93819020925 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR..... | 253 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 254 |

DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM *A CIDADE SITIADA* DE CLARICE LISPECTOR

Maria de Lourdes Dionizio Santos

Professora Adjunta do Curso de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras – UAL/CFP/UFCEG.

E-mail: lourdslourds@gmail.com

RESUMO: Introdução: Partimos da leitura do romance *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector, através da qual investigamos, através da representação, em especial, de Lucrecia, sua personagem principal, a dimensão simbólica espaço-temporal conferida na linguagem da narrativa dessa obra. **Objetivos:** Propomo-nos traçar um esboço desses elementos narrativos, tendo em vista a relevância do teor simbólico que configura a poeticidade com que é construída a tessitura do referido romance. **Método:** Como aparato crítico-teórico fundador do nosso estudo, nos pautamos no pensamento de autores que tecem reflexões a respeito do espaço literário, buscando, desse modo, estabelecer um diálogo com a obra supramencionada, de Clarice Lispector. Assim, além do texto literário escolhido como focus desse estudo, nos instrumentalizamos em leituras como *Le récit poétique*, de Jean-Yves Tadié, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, de Mikhail Bakhtin, *Antropologia filosófica*, de Ernst Cassirer, *O drama da linguagem:*

uma leitura de Clarice Lispector, de Benedito Nunes, “O espaço redescoberto”, de Regina Pontieri, “Clarice e a crise da palavra”, de Léo Schlafman, entre outras. **Resultados e Discussão:** No referido romance, deparamo-nos com a procura empenhada da protagonista, cuja busca obstinada constitui-se itinerário na narrativa poética, e, simultaneamente, funciona como motivação, conduzindo-a ao encontro de condições humanas dignas. A simbologia espaço-temporal torna-se patente na linguagem do romance, quando entrevemos o seu elevado teor poético, desde a descrição das celebrações e rituais de festas populares aos demais costumes. **Conclusão:** Por fim, com base nesses pressupostos, compreendemos que tais eventos atestam o caráter simbólico da obra, e confirmam a poeticidade desta, ao mostrar nela o movimento da vida, representado na figura dos seus personagens e objetos, cuja circularidade confere a simbologia do espaço-tempo narrado.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Narrativa poética. *A cidade sitiada*. Clarice Lispector.

Partimos da leitura do romance *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector, através da qual investigamos, através da representação, em especial, de Lucrecia, sua personagem principal, a dimensão simbólica espaço-temporal, cujo

teor poético apresenta-se de modo expressivo, conferido na linguagem da narrativa, do primeiro ao último capítulo dessa obra. Nesta perspectiva, propomo-nos traçar, aqui, um esboço desses elementos narrativos, tendo em vista a relevância do caráter simbólico que configura a poeticidade com que é construída a tessitura do referido romance.

Como aparato crítico-teórico fundador do nosso estudo, pautamo-nos no pensamento de autores que tecem reflexões a respeito do espaço e do tempo literários, buscando, desse modo, estabelecer um diálogo com a obra supramencionada, de C. Lispector. Assim, nos instrumentalizamos em leituras de obras como *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, de Mikhail Bakhtin, *Antropologia filosófica*, de Ernst Cassirer, *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, de Benedito Nunes, entre outros.

Ernst Cassirer (1977, p. 75) afirma, no capítulo intitulado “O mundo humano do espaço e do tempo” de sua *Antropologia filosófica*, que “O espaço e o tempo são o arcabouço que sustenta toda realidade. Não podemos conceber coisa alguma real senão sob as condições de espaço e tempo”.

Discorrer sobre o espaço e o tempo nos remete ao cronotopo, que opera a poética da narrativa e instiga o leitor a mergulhar na linguagem da obra literária, para constatar as condições adversas da realidade cotidiana vivenciada pelos personagens. Na obra *A cidade sitiada*, torna-se patente a presença do cronotopo, quando percebemos, na estrutura narrativa, a presença do espaço imbricado ao tempo, conforme observamos na seguinte passagem dessa obra, no momento em que o narrador faz a apresentação do espaço-tempo, discorrendo sobre o evento que acontece no início do romance: a festa do “interior” – subúrbio de S. Geraldo:

— Onze horas, disse tenente Felipe.

Mal acabara de falar o relógio da igreja bateu a primeira badalada, dourada, solene. O povo pareceu ouvir um momento o espaço... o estandarte na mão de um anjo imobilizou-se estremecendo. Mas de súbito o fogo de artifício subiu e espocou entre as badaladas. A multidão, tocada do sono rápido em que sucumbira, moveu-se bruscamente e de novo rebentaram gritos no carrossel (LISPECTOR, 1998, p. 11).

A esse respeito, Bakhtin (1998, p. 211) afirma que “o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura”, cujo caráter de indissolubilidade é indispensável, visto que o tempo e o espaço são intrínsecos na obra artístico-literária. Esse autor acrescenta que:

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1998, p. 211).

Em *A cidade sitiada*, deparamo-nos com a procura empenhada de Lucrecia, personagem principal, cuja busca obstinada constitui-se itinerário na narrativa poética, e, simultaneamente, funciona como motivação, conduzindo-a ao encontro de condições humanas dignas.

A simbologia do espaço torna-se patente na linguagem do romance desde o título aos dos seus capítulos. Dessa forma, a obra apresenta-se subdividida em doze capítulos, nomeados, respectivamente, da seguinte forma: 1. O morro do pasto; 2. O cidadão; 3. A caçada; 4. A estátua pública; 5. No jardim; 6. Esboço da cidade; 7. A aliança com o forasteiro; 8. A traição; 9. O tesouro exposto; 10. O milho no campo; 11. Os primeiros desertores; 12. Fim da construção: o viaduto. Em todos os capítulos fica ressaltada a marca do espaço imbricado ao tempo. Daí nosso interesse voltar-se para este aspecto da narrativa. Entretanto, devido a extensão da obra e a limitação do formato deste trabalho para desenvolvermos nossas reflexões, faremos uma breve incursão na obra, nos detendo em alguns pontos que ressaltam a presença do espaço nesse romance, deixando para outro momento uma análise mais abrangente.

Em sua abordagem sobre “O fragmento na escritura clariciana”, tópico do seu texto “O espaço redescoberto” (capítulo de *Uma poética do olhar*), Regina Pontieri (1999, p. 115) pondera que nos trabalhos de Clarice Lispector, “a concepção da relação entre parte e todo [...] ganha destaque especial”, tendo em vista seu caráter inovador no âmbito da “estética do fragmentário” que alcançou importante relevo nos últimos tempos.

No excerto abaixo, a descrição dos ritos festivos populares típicos de eventos de interior atesta o caráter simbólico da obra e confirma a presença da poética do espaço na narrativa do romance, ao mostrar o movimento da vida, representado na figura dos objetos, cuja circularidade confere a simbologia do espaço-tempo narrativo:

Sobre as cabeças as lanternas se embaciavam tremulando a visão; os bazares se entortavam a gotejar. Quando Felipe e Lucrecia alcançaram a roda-gigante o sino sacudiu-se acima da noite enchendo de emoção a festa religiosa — o movimento da multidão tornou-se mais ansioso e mais livre. A população acorrera para celebrar o subúrbio e seu santo, e no escuro o pátio da igreja resplandecia (LISPECTOR, 1998, p. 11).

A seguir, destacamos passagens da narrativa, em que espaço e tempo aparecem de modo expressivo, senão contíguos, com relativa proximidade.

[...] Quando ergueu a cabeça resolveu não deixar de olhar o sobrado mais estreito, a menor sombra. As lojas fechadas com as cortinas de ferro” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

[...] Lucrecia olhou para cima também, com alguma insolência. Mas em cada janela da cidade deserta um homem se balançava na sombra das venezianas — as venezianas oscilavam. A mocinha estremecia de medo de estar viva” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

[...]

A estridência inesperada do som atravessava o espaço escuro. A moça parecia ter tocado a campainha de outra cidade. Aguardou um instante. Mas depois de se ter manifestado pela campainha não ousava mais estar de costas: começou a bater com punhos cerrados, o rato corria tranquilo perto da carroça adormecida; ela batia e olhava para o céu — as nuvens transportadas pareciam imóveis e a lua passava... ela batia — batia com os punhos fechados olhando o céu, os cabelos cresciam de ingenuidade e horror, cada vez era mais perigoso, as casas de pé... (LISPECTOR, 1998, p. 14-15).

[...]

Aos poucos, na escuridão tranqüilizadora, abandonou-se. Estava ainda eriçada, cada ponta revertida de coisa não poderia ser tocada, as colunas do corrimão torcidas. Também o tamanho de S. Geraldo se alargara e ela viu de baixo para cima — a imensa escadaria a subir (LISPECTOR, 1998, p. 15).

[...]

[...] Lucrécia Neves meteu a cabeça na frescura da carvoaria; espiou um pouco. Quando a retirou — lá estava a calçada... Que realidade, via a moça. Cada coisa. Entortou a cabeça como moda de olhar. Cada coisa (LISPECTOR, 1998, p. 17).

[...]

A idéia de “progredir”, da Associação, encontrara Lucrécia de atenção já desperta, querendo sair da dificuldade e mesmo usá-la — porque a dificuldade era o seu único instrumento. Até alcançar a extrema docilidade de visão. Carroças passavam. A igreja batia os sinos. Cavalos escravizados trotavam. A torre da usina ao sol. Tudo isso podia-se ver de uma janela, farejando o ar novo. E a cidade ia tomando a forma que o seu olhar revelava (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Para Candido (1977, p. 128), “Clarice Lispector [...] procura criar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação. Para ela, como para outros, a meta é, evidentemente, buscar o sentido da vida, penetrar no mistério que cerca o homem”.

Essa busca é própria da narrativa poética, e constante nos romances de Clarice Lispector, conforme vemos em suas protagonistas. Esse entendimento é reiterado por Mona Lisa Bezerra Teixeira, em sua Tese intitulada: *Imagens da infância na obra de Clarice Lispector*, quando a pesquisadora assinala que

A última personagem dos romances de Clarice Lispector continua a mesma busca iniciada por Joana. [...] O que é comum a todas essas figuras imaginadas é o espírito inconformado diante de um somatório de princípios que regem a convivência social penas em sua superfície (TEIXEIRA, 2010, p. 152-153).

De acordo com Léo Schlafman, em “Clarice e a crise da palavra”, capítulo que integra seu livro *A verdade e a mentira: novos caminhos para a literatura*, “A forma romance em Clarice permite a visão do mundo em atmosfera de sonho, confusão entre memória e imaginação, deformidade alucinada dos fenômenos sob efeito da intersubjetividade de uma natureza humana original” (SCHLAFMAN, 1998, p. 217).

Nessa linha de pensamento, ao inferir sobre questões que perpassam a obra *O lustre*, também de C. Lispector, Gilda de Mello e Souza, assinala que “o tema central” deste romance é a “busca – do sentido da vida, da perfeição do ser – os temas do

desencontro, da incomunicabilidade entre as criaturas, do desejo de ‘ultrapassar o mundo do possível’” (MELLO e SOUZA, 1989, p. 171).

Com base nesse comentário de Gilda de Mello e Souza, não obstante sua discussão ser relativa a outro romance de Lispector, convém destacar que a “busca”, assim como o encontro e o desencontro, são termos que remetem à narrativa poética. Além disso, o teor de significação da escritura desta autora acompanha a criação de suas obras, fato que de ser atestado ao fazermos uma leitura acurada de suas obras.

A propósito disso, Mello e Souza ressalta a singularidade da escritura de Clarice, haja vista o tratamento particular que esta escritora dá a cada objeto, ressaltando sua complexidade e diferença. Neste sentido, Clarice percorre um caminho inverso ao do lugar comum no processo de escritura, fazendo opção por um modo transgressor que desconstrua o modelo tradicional seguido pela maioria dos escritores brasileiros. Desse modo, seu processo de criação desaponta o leitor, causando-lhe estranhamento e perplexidade ao se deparar com uma obra que violenta a linguagem, apresentando as contradições da realidade e desvelando seu mascaramento.

A repetição propositada impressa no estilo de Clarice Lispector atesta a presença da poesia em sua obra. A propósito disso, ao discutir sobre “O estilo de humildade e a escritura” dessa autora, Benedito Nunes argumenta que o estilo dela apresenta

certas matrizes poéticas que indicam o movimento em círculo, [...] da palavra ao silêncio e do silêncio à palavra. De teor expressivo densamente metafórico, mas alcançando [...] um alto nível de abstração conceptual, dotado em geral de elevado grau de ênfase, [...], o estilo de Clarice Lispector tem na “repetição” o seu traço de mais largo espectro. Referimo-nos ao emprego reiterado dos mesmos termos e das mesmas recursos que os antigos retóricos consideravam um meio hábil para exprimir a paixão com mais força e mais energia (NUNES, 1989, p. 135-136).

Com base nesse entendimento, tomamos por exemplo o movimento circular, cuja busca retoma seu recomeço, como mostra a busca de Lucrécia por casamento, no sentido de enfatizar a presença da poesia expressa na narrativa de Clarice.

Nesse sentido, Nunes (1989, p. 136) assinala que:

Incidindo em substantivos, verbos e advérbios [...] a repetição, verdadeiro “agente lírico”, apresenta-se sob determinadas formas ou espécies características, dotadas de valor rítmico que sempre desempenham função expressiva e produzem determinados efeitos, quer no uso da palavra, quer no sentido do próprio discurso.

Ainda sobre repetição na linguagem clariceana, Nunes observa que

[...] a repetição dos substantivos separados revigora, pelo próprio isolamento das palavras recorrentes, a força poética dos “nomes”.

[...] assim isolados, esses substantivos adquirem, dentro dos contextos em que aparecem, aquele poder encantatório da “nomeação” – a poesia inerente aos nomes, que apela para a coisa, que invoca o objeto designado (NUNES, 1989, p. 137).

Nunes ressalta, em “O improviso ficcional”, que

Para Clarice Lispector, a impossibilidade é de narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se – sem que, à luz baça de seu realismo ontológico, não se exponha ela mesma, antes de mais nada, ao risco da aventura de ser, como o *a priori* da narrativa literária, como o limiar de toda e qualquer história possível (NUNES, 1995, p. 159).

Tal exposição “ao risco da aventura de ser”, de que fala Benedito Nunes, compete ao sujeito-objeto narrado, conforme o conferimos no referido romance, quando deparamo-nos com a procura empenhada da protagonista, cuja busca obstinada constitui-se itinerário na narrativa poética, e, simultaneamente, funciona como motivação, conduzindo-a ao encontro de condições humanas dignas, ainda que nisto não obtenha êxito. Dessa forma, a simbologia espaço-temporal torna-se patente na linguagem do romance, quando entrevemos o seu elevado teor poético, desde a descrição das celebrações e rituais de festas populares aos demais costumes.

Por fim, com base nesses pressupostos, compreendemos que tais eventos atestam o caráter simbólico da obra, e confirmam a poeticidade desta, ao mostrar nela o movimento da vida, representado na figura dos seus personagens e objetos, cuja circularidade confere a simbologia do espaço-tempo narrado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução por Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4. ed. São Paulo: EdUNESP/HUCITEC, 1998.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977. p. 123-131.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MELLO e SOUZA, Gilda de. O Lustre. In: *Revista Remate de Males*, Campinas (9): 171-175, 1989.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo Ática, 1989. (Série Temas; v. 12).

NUNES, Benedito. O improviso ficcional. In: NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo Ática, 1995. p. 156-159.

PONTIERI, Regina. O espaço redescoberto. In: PONTIERI, Regina. *Uma poética do olhar*. São Paulo: Ateliê, 1999. P. 109-142.

SCHLAFMAN, Léo. Clarice e a crise da palavra. In: SCHLAFMAN, Léo. *A verdade e a mentira: novos caminhos para a literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 214-218.

TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. *Imagens da infância na obra de Clarice Lispector*. 2010. 166f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233
Anamnese 15
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96
Autobiografia 7, 8, 9, 70

C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249
Cinema Engajado 225, 233
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
Construção dos Sentidos 151
Cordel 49, 50, 57, 168

D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38
Escrita de si 87

F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224
Literatura de Autoria Feminina 58
Literatura Francesa 7
Literatura Indígena 87
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

M

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

N

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

O

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

R

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

S

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

T

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-593-8

